

SINDICATO E IDEOLOGIA

José Carlos Arouca*

Sebastião Machado Filho, cujos trabalhos têm acentuado cunho ideológico, produziu valiosa análise do sindicalismo de resultados, confrontando-o com o sindicalismo ideologizado. Dele merece destaque esta observação: “a distinção entre sindicalismo de resultado e sindicalismo ideológico não passa de uma distinção meramente formal”, pois não há dois tipos diversos e opostos de sindicalismo, mas apenas um, “o sindicalismo ao mesmo tempo ideológico e de resultado, variando apenas o conteúdo da ideologia de cada movimento sindical na busca dos mesmos ou de diferentes resultados, dependendo apenas das circunstâncias conjunturais ou das condições históricas vigentes”. Como acentuou,

o sindicalismo ideológico se propõe a resolver o seu principal problema: organização dos trabalhadores como condição de seu êxito, considerando a união sindical (por exemplo, as centrais sindicais), portadora de caráter político, com a finalidade própria da transformação social, econômica e política da sociedade, para o que não prescinde da união internacional.

Sebastião Machado Filho refere-se a Mário De La Cueva, professor mexicano que humanizou o direito do trabalho, para quem o “fundo ideológico do sindicalismo é a dignidade humana”. Daí afirmar que essa finalidade comporta dois fins, o imediato e o mediato. O primeiro daria no sindicalismo de resultados, o segundo no sindicalismo ideológico. Mas, também, cada um teria um fim imediato e outro mediato. Para o sindicalismo de resultados,

fim imediato seria a superação do direito individual do trabalho ditado pelo Estado, pelo direito coletivo de trabalho, através de convenções e acordos coletivos e, inclusive, de sentenças normativas, em

caso de frustração das negociações coletivas, pelas quais o sindicalismo visa a obter melhores condições de trabalho. Portanto, visa o sindicalismo de resultado a atender uma finalidade no presente, de natureza econômica ou jurídica.

O fim mediato, prossegue, “tem em mira o futuro da construção de uma nova sociedade constituída sob um Estado de justiça social, sendo esta uma finalidade política”.¹

Correto. A começar pelas centrais, pelo menos as principais, em que é perfeitamente possível identificar a marca ideológica que ostentam assumidamente ou que procuram definir. Na análise de Leôncio Martins Rodrigues e Adalberto Moreira Cardoso, a Força Sindical defende um sindicalismo “independente, pluralista, democrático e apartidário”, mas este apartidarismo não se confunde com apoliticismo. Basicamente, a proposta programática da Força Sindical, que defende o capitalismo, porém modernizado, reflete as idéias defendidas por seu presidente Luiz Antônio de Medeiros, que ficam entre a liberal-democracia e a social-democracia.

A CUT, por sua vez, na análise dos autores, pretende-se “classista, democrática, autônoma, unitária, de massas e pela base”. Em oposição ao projeto neoliberal, a CUT oferece um projeto alternativo: a construção de uma sociedade socialista, resultado da conquista do poder político pela classe operária. De tal modo, seu papel seria “fazer avançar a luta de classes”.

Entre a Força Sindical e a CUT ficaria a Confederação Geral dos Trabalhadores, “de conformação ideológica menos precisa”.

Nascida das divergências que separaram, de um lado as lideranças que formaram a CUT e, de outro, os sindicalistas dos dois partidos comunistas, do MR-8 e de outros grupos mais moderados liderados por

* Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Seção – São Paulo. O presente estudo foi desenvolvido no livro do autor, *Repensando o sindicato* (São Paulo: LTr, 1998).

Luiz Antônio de Medeiros e Antônio Rogério Magri, a proposta da CGT é mais dificilmente definível. De modo muito esquemático: na medida em que a CGT não defende o socialismo e nem se manifesta claramente a favor da economia de mercado e da liberal-democracia, em termos programáticos, essa central poderia ser situada politicamente numa posição intermediária entre a Força Sindical e a CUT. A Força Sindical estaria, assim, à direita da CGT.

Com a saída dos comunistas (do PCB, do PC do B e do MR-8) e, logo em seguida, com o afastamento de Magri, chamado por Fernando Collor para ocupar o Ministério do Trabalho, ascendeu à presidência da central Canindé Pegado, alterando-se o perfil da central. Enfim, “a atuação política mais ampla da CGT contém uma marca nacionalista, como demonstra a resistência aos processos de privatização de empresas”.

Leôncio Martins Rodrigues e Adalberto Moreira Cardoso anotam que “a Força Sindical rejeita esse tipo de colocação tradicional que localiza as posições ideológicas em torno do eixo direita-esquerda. Para a Força Sindical a CUT representaria o radicalismo estéril, o partidarismo inconsequente e a CGT, a proposta conservadora, o conformismo”.

Luiz Antônio de Medeiros e Antônio Rogério Magri, para os pesquisadores, compuseram a tendência do chamado sindicalismo de resultados, mais próximo ideologicamente do sindicalismo norte-americano, “patrocinada particularmente por Magri e menos enfaticamente por Medeiros”.²

O livro de Leôncio e Adalberto foi escrito em 1993. Passados mais de seis anos, a Força Sindical definiu uma ideologia de centro, defendendo o que chama de capitalismo moderno, com espaço para a classe trabalhadora, naturalmente através de resultados positivos obtidos nas negociações coletivas, quando trabalhistas, e nas negociações políticas, quando sociais. A marca ideológica da Força refletiu-se especialmente no fortalecimento da liderança de

Medeiros, com apoio decisivo de Paulo Pereira da Silva, presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, que lhe dá o indispensável apoio econômico. A Central Única dos Trabalhadores (CUT), de outra parte, ao contrário do que escreveram Leôncio e Adalberto, não assumiu até hoje claramente o socialismo e tende cada vez mais para uma posição moderada.³

As centrais menores, da mesma forma, ostentam uma posição ideológica. A Central Geral dos Trabalhadores Brasil (CGTB), empolgada pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), defende um socialismo mal-configurado, diante da vinculação que mantém com o PMDB, mais propriamente com o grupo liderado pelo ex-governador de São Paulo, Orestes Quércia. A Central Autônoma dos Trabalhadores (CAT), presidida por Laerte Teixeira da Costa, mesmo sem as bênçãos da Igreja, apresenta-se como uma central católica, a Social Democracia Sindical (SDS), querendo significar proximidade com a social-democracia, pretende ser para o PSDB o que a CUT significa para o PT, e, finalmente, a renascida União Sindical Independente (USI) cuidou de afastar o estigma que a marcou como central da direita, nos tempos de Antônio Pereira Magaldi. Para isso mudou até seu logotipo.

Naturalmente, a vinculação dos sindicatos à central revela a linha ideológica assumida. Justamente os sindicatos que têm uma ideologia definida são aqueles que têm maior atuação, com fins bem delineados, imediatos e mediatos. Se estão presentes na discussão dos grandes temas nacionais, que empolgam e interessam ao povo como um conjunto maior, não se descuidam das tarefas comuns e permanentes, que se resumem exatamente na defesa dos interesses coletivos e direitos individuais. E nisso está o sindicalismo de resultados.

Não quer dizer, porém, que o sindicato ideologizado seja também, essencialmente, revolucionário. Lênin escreveu que “os sindicatos como instituições jamais são revolucionários. Não há sistema legal que confira personalidade jurídica a uma instituição que tenha por finalidade precisamente derrubar o regime jurídico político que lhe confere a legalidade”. E mais: “Eles são essencialmente reformistas, já que participam de um sistema legal nos marcos da legalidade e a legalidade – por si só – jamais levou à transformação revolucionária e sim, ocasionalmente, à reforma.”⁴

Naturalmente, a vinculação dos sindicatos à central revela a linha ideológica assumida. Justamente os sindicatos que têm uma ideologia definida são aqueles que têm maior atuação, com fins bem delineados, imediatos e mediatos.

Do mesmo modo, a marca ideológica do sindicato não será a que lhe emprestar um partido político, quando menos por respeito à vontade coletiva dos filiados ou do conjunto que representa. Isso, é claro, vale também para as correntes religiosas.

Inegável que a ideologia política, num primeiro tempo, tinha a cara dos anarquistas, um pouco dos socialistas e depois dos comunistas. Religiosismo um só: o católico tradicional. Hoje, destacam-se como partidos ideologizados o PT, o PC do B e o PPS, um pouco o PDT e o PSB.

Edgard Carone, historiador marxista, levantando a pré-história de nosso sindicalismo, já assinalava a visão dos primeiros sindicalistas, observando que

não é o partido, mas o sindicato que representa o órgão de aglutinação e a ponta de lança de luta do operariado. A razão é a fragilidade dos partidos, que nascem e morrem. O mesmo não se pode repetir com relação aos sindicatos. Por serem formas de organização mais simples, estarem interessados na defesa particular do trabalhador e preferentemente englobarem categorias diversas de trabalhadores, eles nascem, renascem e pululam com mais frequência. No entanto, o sindicato trata da defesa operária, mas também é órgão de função social e educativa. A ênfase sindical, assim, traduz igualmente dois aspectos: o da consciência de luta em defesa de seus princípios e o de vida social e educativa. Referentemente ao último aspecto, os sindicatos representam local de conferências literárias, festas, vida social e artística onde a família operária se reúne em ocasiões particulares.⁵

Bem, o sindicalismo ideológico também quer resultados imediatos e, neste sentido, Lênin já anotava: “os sindicatos de base ampla, como indica a experiência de todos os países capitalistas, são a organização mais adequada da classe operária, tendo em vista a luta econômica”.⁶ Para Marx, também “a classe trabalhadora deve extrair – e, evidentemente, fruir – todas as concessões possíveis, encampando e tirando novas conseqüências dos projetos reformistas”.⁷

E será a ideologização que dará aos sindicatos sustentação para que a classe trabalhadora possa enfrentar o Estado, quando for seu adversário, diante da ideologia que este, por sua vez, assumir.

No período pós-1985, quando se retomou a democracia, os sindicatos tiveram que se aparelhar para novas formas de luta, agora contra a desregulamentação da legislação de proteção ao trabalho e,

principalmente, no enfrentamento com o desemprego.

Por isso, o sindicato autêntico nunca é neutro e ideologicamente vazio, mas tem que procurar resultados imediatos. Vale mais uma vez a observação de Lênin:

Temos de nos adaptar às condições existentes nos sindicatos de cada país para mobilizar as massas não apenas contra a burguesia, mas também contra o regime totalitário dos próprios sindicatos e contra os dirigentes que sustentam este regime. A primeira palavra de luta é: independência total e incondicional dos sindicatos em relação ao Estado capitalista. Isto significa lutar para transformar os sindicatos em organismos das grandes massas exploradas e não da aristocracia operária. A neutralidade do sindicato é total e irreversivelmente coisa do passado. Desapareceu junto com a livre democracia burguesa.⁸

A evidência, porém, é de que sindicalismo de resultados só tem importância quando ideologizado.

A ação política do sindicato revela-se quando se afasta dos fins específicos da instituição sindical, dirigindo-se para um plano de interesses maiores que se voltam para toda a comunidade do território onde se situa ou mesmo para todos os povos, rompendo as fronteiras traçadas.

Grande parte dos doutrinadores defende para os sindicatos um campo pequeno de ação, com fins limitados, restritos quase sempre a objetivos profissionais.

Insuperável, porém, a vocação dos grupos mais bem estruturados, formadores de opinião, para saírem das comportas, muitas vezes por eles mesmos fixadas inicialmente, para envolverem-se com problemas que afetam o país, outros países, dirigindo suas forças numa ação concentrada em função de objetivos que assumem feição decididamente política. Nesse passo, tanto a tomada de posição como a tônica do discurso têm conotação marcadamente ideológica, ainda que desmentida.

Bem, o sindicalismo ideológico também quer resultados imediatos e, neste sentido, Lênin já anotava: “os sindicatos de base ampla, como indica a experiência de todos os países capitalistas, são a organização mais adequada da classe operária, tendo em vista a luta econômica”.

Os sindicatos, no seu surgimento no Brasil, eram dirigidos ou empolgados pelos anarquistas. Depois, a influência do PCB foi decisiva para a renovação das direções ocupadas por pelegos e oficialistas, determinando a tomada de rumo para os movimentos populares.

O reconhecimento oficial dos sindicatos não alterou a composição de forças, mesmo porque, e isto parece-me relevante, o governo de Getúlio Vargas criou o Ministério do Trabalho, entregando-o a Lindolfo Collor, que convocou para assessorá-lo expoentes reconhecidos da intelectualidade socialista.⁹ E foram esses homens que redigiram o Decreto nº 19.770, de 1931, assinado por Collor e Vargas. Adiante, na elaboração do Decreto nº 24.694, de 1934, que implantou a pluralidade sindical, foi decisiva a influência da Ação Católica, capitaneada por Alceu de Amoroso Lima. Alceu, num primeiro momento, homem de direita, foi também o Tristão de Ataíde, que depois, em 1964, enfrentou a ditadura militar.¹⁰ Finalmente, em 1939, com o Decreto-lei nº 1.402, copiou-se a Carta del Lavoro da Itália fascista, graças à atuação dos defensores do corporativismo, com Oliveira Vianna à frente.

Os sindicatos, no seu surgimento no Brasil, eram dirigidos ou empolgados pelos anarquistas. Depois, a influência do PCB foi decisiva para a renovação das direções ocupadas por pelegos e oficialistas, determinando a tomada de rumo para os movimentos populares.

A ditadura implantada em 1964 desmantelou os sindicatos dirigidos pelos comunistas e seus aliados, os quais, mesmo assim, só deixaram de atuar com a crise do sindicalismo a partir da queda do Muro de Berlim, quando perderam sua identidade.

A CUT passou a representar o braço sindical do PT, e, como este, assumiu feição de verdadeira federação de grupos, muitas vezes antagônicos, tornando-se comum a disputa, não interna, mas nas urnas, entre as diferentes tendências.¹¹ Tem ocorrido até de a tendência majoritária, Articulação, liderada por Vicente Paulo da Silva, dividir-se, dando causa à disputa entre subgrupos.

Em função da ideologia desenvolve-se a ação política. Por isso mesmo a CUT confunde-se com

o PT, não tendo maior significado a participação do PC do B, que, aliás, mantém estrutura própria¹² ou do PPS, consentidamente dividido para espanto dos antigos comunistas que defendiam o centralismo democrático.¹³ No que se refere à Força Sindical, complexa é a unidade ideológica resultante das correntes que nela se ajustam. Enquanto Luiz Antônio de Medeiros filia-se ao PFL, depois de deixar o PTB, seguido de Paulo Pereira da Silva, dos metalúrgicos de São Paulo, e de Antônio de Souza Ramalho, da construção civil, Francisco Pereira de Souza, dos padeiros, David Zaia, dos bancários, e Arnaldo Gonçalves, dos metalúrgicos de Santos, mantêm-se no PPS, e Melquíades Araújo, da Federação dos Trabalhadores da Alimentação, no PSDB.

Isso não constitui novidade no cenário internacional, quando se sabe que as centrais da Itália, Espanha, França e de outros países seguem as bandeiras dos partidos comunista, socialista ou da democracia cristã. Na Alemanha e países escandinavos é notória a ligação das centrais com a social-democracia e na Inglaterra com o Partido Trabalhista. A poderosa AFC-CIO americana nunca negou seu apoio político ao Partido Democrata.

Daí, porque, quase sempre, o sindicato oficialista não passa de criação artificial do Estado ou outras vezes de cooptação de associações vazias ou decadentes, para se oporem ao sindicato comprometido politicamente.

No Brasil, o governo João Goulart atuava em duas frentes, dando apoio ao bloco comunista-petebista sem, no entanto, negá-lo ao grupo de oposição, direitista e amarelo, liderado por Ary Campista, Deocleciano Cavalcanti de Holanda e João Wagner, através de seu assessor Gilberto Crockat de Sá.

O Movimento Sindical Democrático (MSD), de Antônio Pereira Magaldi e Antônio Alves de Almeida (o primeiro ex-presidente da Federação dos Comerciantes de São Paulo, o segundo presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Comércio-CNTC até hoje), procurou ocupar espaço, mas sem êxito, concorrendo com a combativa Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), presidida por Clodismith Rianni. E não foi por acaso que no ressurgimento do sindicato politizado, com a redemocratização que culminou com a Constituição de 1988, seus membros fundaram a USI, que

não se desenvolveu, morreu e depois ressuscitou com Antônio Lucânia.¹⁴

Enfim, o sindicato é uma associação essencialmente politizada, até porque só a tomada de posição, querendo dizer comprometimento ideológico, leva um trabalhador simples, quase sempre desprovido de bens materiais, a colocar-se à frente de um grupo organizado, disputando a liderança com prejuízo de seu projeto de vida pessoal, e comandar a luta em defesa de interesses coletivos.

Nos tempos de domínio do PCB o interesse pessoal resumia-se em alcançar um mandato de representação popular e assim ampliar o campo de luta. Para os “pelegos” e oficialistas, a recompensa consistia na nomeação para cargo em repartição pública ou nos favores dos pólos de dominação da política oficial.

Portanto, se os imobilistas mantêm-se com a receita fácil da contribuição sindical na expectativa de vantagens ou ascensão social, se os amarelos submetem-se aos interesses do patronato em função de retribuições mais preciosas, os sindicatos de resistência, em sua atuação regular, misturam defesa de interesses coletivos, classistas, com ação política efetiva.

Mas não é o sindicato o instrumento que deve promover a transformação do sistema político, criando um Estado socialista que tenha como meta acabar com a miséria e a marginalização das classes excluídas. Fosse assim e por certo não seria tolerado pelo Estado burguês. A democracia relativa contrapõe numa disputa legítima células amorfas, despidas de ideologia, mas que se unem e fortalecem-se a cada embate na busca do poder que compartilham (é só ver o trânsito fácil que têm os artífices da ditadura militar no Congresso e no Executivo, como o deputado federal Delfim Neto, pai do milagre econômico, Jarbas Passarinho, etc.). Nesse círculo, o sindicato até pode e deve ser considerado para somar como força política, mas seu limite será sempre a dimensão do programa que pretende defender e dos interesses contrariados. Por certo, a retomada do Programa de Reforma de Bases, com indisfarçável conotação nacionalista, incomodaria hoje como ontem as forças conservadoras que procurariam, a todo custo, impedir sua implementação. Por isso mesmo, afirmo que o tamanho da liberdade sindical é o mesmo da liberdade política. Se Lula tivesse precipitado a

deflagração das greves que sacudiram o país dois anos antes, teria tido o destino de seu irmão frei Chico, do PCB, preso incomunicável, torturado nas masmorras do DOI-Codi.

Como escreve Tarso Genro, “toda a legalidade da classe operária foi conquistada pela ação direta de massas, que obrigou a superestrutura burguesa a admitir e ordenar conflitos laborais como fenômenos jurídicos”.¹⁵ É dizer que a ação inicialmente política dos trabalhadores, de reação a um só tempo contra o patronato e o Estado, na luta por melhores condições de trabalho, levou os adversários tradicionais a encará-la como um procedimento comum, conflito sim, porém, meramente trabalhista.

“Objetivamente, segundo Gramsci, o sindicato é a forma que a mercadoria trabalho assume e pode assumir em regime capitalista, quando se organiza para dominar o mercado”, por isso, se o sindicato “é parte integrante – escreve – da sociedade capitalista e tem uma função que é inerente ao regime da propriedade particular”, também, “o sindicato é um instrumento revolucionário”.¹⁶

Carlos Alberto Gomes Chiarelli, que foi senador e constituinte pelo PFL, advertia, quando secretário de relações do trabalho do Ministério de Arnaldo Prieto: “sindicato não é local de comícios, portanto o trabalhador que deseja fazer política deverá filiar-se ao partido político que lhe convier, o que mais se identifique com sua ideologia”.¹⁷

O sindicato é a reação dos trabalhadores numa sociedade econômica capitalista, como afirma Orlando Gomes. O mestre baiano com sua visão de homem de nossos tempos, escreve:

O sindicato surgiu como órgão de luta. Não como instrumento agressivo, mas como organismo de resistência, cujo fim precípua era a melhoria das condições de vida de seus membros. Na defesa destes interesses batalhou extenuadamente. Prova-o à saciedade a história do movimento sindical. Para lograr seus objetivos empregaram largamente os meios de ação direta de que a greve é a expressão

Mas não é o sindicato o instrumento que deve promover a transformação do sistema político, criando um Estado socialista que tenha como meta acabar com a miséria e a marginalização das classes excluídas.

maior. Esta tradição revolucionária é uma das fontes de prestígio do sindicato.¹⁸

Sem dúvida, num sistema que lhe é adverso por sua própria natureza, a classe trabalhadora tende a apoiar as lutas que se opõem à persistência da desigualdade social, da exclusão do homem simples.

Deste modo, o papel político do sindicato de resistência não pode desconhecer a realidade imposta pelo neoliberalismo.

O sindicato é a soma de trabalhadores para uma ação unitária em busca de sua inserção na sociedade e, portanto, de afirmação social, de expressão da cidadania. No sistema capitalista, o sindicato não constitui um instrumento específico de reação, ocupado em combatê-lo, pois com ele conforma-se e vive das concessões e conquistas que obtém. Inevável, porém, que mais facilmente difunde a ideologia socialista e irradia ação política revolucionária, isto em função, também, daqueles que ocupam os postos diretivos.

Deste modo, o papel político do sindicato de resistência não pode desconhecer a realidade imposta pelo neoliberalismo. Como órgão classista deve representar as coletividades profissionais como um todo, opondo-se decisivamente ao propósito de elitizá-lo, restringindo sua atuação aos limites de uma empresa ou de equipará-lo a uma associação comum, num sistema de pluralidade sindical.

NOTAS

- ¹ “A dialética do sindicalismo (sindicalismo de resultado e sindicalismo ideológico)” *Revista LTr*, São Paulo, 55-03/270.
- ² As citações foram extraídas de Leôncio Martins Rodrigues e Adalberto Moreira Cardoso, *Força Sindical* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993), pp. 16-23.
- ³ Abrigam-se na CUT trotskistas de diferentes matizes, assim como diversas correntes socialistas; também grupos independentes que se qualificam como esquerdistas sem com isto aceitarem o socialismo. A tendência majoritária, Articulação, situa-se à direita desses grupos, que os qualifica como radicais, o que lhe vale o rótulo de moderada.
- ⁴ Lênin, *Sobre os sindicatos* (São Paulo: Ciências Humanas, 1979), p. 42.
- ⁵ Edgard Carone, *O movimento operário no Brasil – 1877-1944* (São Paulo: Difel, 1979), p. 13.
- ⁶ Lênin, *op. cit.*, p. 297.
- ⁷ Cf. Roberto Lyra Filho, *Direito do capital e direito do trabalho* (Sérgio Antônio Fabris Editor, 1982), p. 16.
- ⁸ Lênin, *op. cit.*, pp. 103-104.
- ⁹ Como Evaristo de Moraes e Joaquim Pimenta.
- ¹⁰ Evaristo de Moraes Filho, *O problema do sindicato único no Brasil* (São Paulo: Alfa-Omega, 1978), p. 228.
- ¹¹ Como se deu no Sindicato dos Motoristas de São Paulo, quando a Corrente Sindical Classista, comandada por Gregório Poço, do PC do B, derrotou a Articulação.
- ¹² Os sindicalistas vinculados ao PC do B agrupam-se na Corrente Sindical Classista.
- ¹³ Até bem pouco os comunistas agiam integrados na Unidade Sindical.
- ¹⁴ Atual presidente da Federação dos Comerciários do Estado de São Paulo.
- ¹⁵ Tarso Genro, *Contribuição à crítica do direito coletivo do trabalho* (Porto Alegre: Síntese), p. 34.
- ¹⁶ Carlos Nelson Moutinho, *Sindicatos e conselhos* (Porto Alegre: L&PM, 1981), pp. 101-141.
- ¹⁷ *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1^a ago. 1970.
- ¹⁸ Orlando Gomes, *Direito do trabalho. Estudos* (São Paulo: LTr, 1979), pp. 160-163.